

RESUMOS DE TE E DISSERTAÇ

RESUMOS DE TESES
E DISSERTAÇÕES

ENVIRONMENTAL IMPACT OF THE PRE-COLUMBIAN GEOGLYPH BUILDERS OF WESTERN AMAZONIA

Jennifer Georgina Watling

Doctoral Dissertation. Department of Archaeology, College of Humanities. Exeter/UK: University of Exeter, 2014.

A debate that has received much attention in recent years is the nature and scale of pre-Columbian impact in the Amazon lowlands. While the notion that Amazonia is a “pristine wilderness” has long been debunked, several papers have proposed that human impact in western regions was more sporadic and on a smaller scale than impacts in central and eastern regions, and that western Amazonia supported sparse pre-Columbian populations.

The discovery of over 400 geometrically-patterned earthworks (geoglyphs) in the western Brazilian Amazon, which until recently lay under intact tropical forest, has raised important questions about the kind of societies that built them and the impact that they had on the terra firme upland landscapes.

This study represents the very first investigations into human-environment interactions in the geoglyph region. By analysing phytoliths, charcoal and stable carbon isotopes from a series of soil profiles in the vicinities of two well-dated and excavated geoglyph sites, this study aims to discern the nature of the environment before, during and after the construction and use of

the sites, and the spatial and temporal scales of landscape transformations that were effected by the geoglyph cultures.

The data call for a re-appraisal of what is meant by “scales” of human impact in Amazonia, and propose that an understanding of the diversity of human-environment interactions must be considered through studies that closely combine regionally-sensitive archaeological and palaeoecological data.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO E PACIFICAÇÃO: ENTRE AS LEIS DO COMANDO E O COMANDO DAS LEIS

Ana Paula Pinto Damasceno

Dissertação de Mestrado. Programa de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

Esta dissertação deteve-se sobre a violência de gênero que ocorre em territórios de conflito armado na cidade do Rio de Janeiro, nos quais a intervenção do Estado restringe-se, no mais das vezes, a combater o crime organizado. As características particulares de cada favela imprimem à habitual violência contra a mulher, traços diacríticos que, a um só tempo, obliteram as formas legais de enfrentamento e criam alternativas singulares para responder ao evento de agressão. O projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) propõe a reconfiguração de poderes, das figuras de autoridade e das regras

que regem esse espaço, desobstruindo, ao menos em tese, antigos entraves no acesso à justiça e ao Estado. Interessou investigar neste cenário as representações sociais nativas sobre a violência de gênero, os atores envolvidos e as estratégias de ação adotadas pelas mulheres na tentativa de interromper as agressões perpetradas por seus parceiros, em quatro comunidades pacificadas: Complexo do Alemão, Morro da Formiga, Chapéu Mangueira e Babilônia.

O panorama anterior à chegada das UPPs e as alterações das dinâmicas sociais por elas promovidas foi reconstituído com base nas narrativas dos moradores de cada localidade e policiais pertencentes ao programa. A pesquisa grifa os efeitos imprevistos que a política de segurança pública produziu no âmbito privado. Destacou-se, além disso, que embora as favelas guardem similaridades entre si, suas especificidades irreduzíveis engendram resultados díspares quando submetidas a determinadas políticas. Abordou-se por fim, as assimetrias de gênero que adquirem contornos particulares nas circunstâncias próprias do conflito armado urbano, emergindo no contexto da saúde como agravamento das vulnerabilidades da condição feminina. Compreender e revelar quais os caminhos adotados na tentativa de interrupção da violência de gênero, em algumas favelas pacificadas, constitui objetivo deste estudo.

A dissertação divide-se em cinco capítulos, tendo sido o primeiro destinado a retratar a regulação das contendas comunitárias, em especial, os conflitos entre casais, exercida pelo tráfico

antes da instalação das UPPs. É apresentado o sistema normativo aplicado pelo Comando Vermelho com valores, julgamentos, brechas, privilégios, imunidades e as demandas consideradas legítimas no âmbito desta ordem. Resalvadas as devidas diferenças entre o sistema de justiça oficial e o paralelo, o ponto de interseção entre eles situa-se na relevância atribuída ao comportamento das partes no processo decisório da contenda. A segunda parte deste capítulo resgata o empenho de ativistas em visibilizar a violência contra mulher e as conquistas decorrentes da luta para transferir para a esfera pública uma questão considerada de foro privado, além de destacar os descompassos entre os anseios das militantes em criminalizar o agressor e o desejo das vítimas em interromper a violência sem, contudo, desfazer os laços conjugais.

Os projetos de segurança precedentes, dos quais o modelo de Polícia de Pacificação é devedor, são resgatados pelo segundo capítulo, responsável por traçar os pontos de encontro e de divergência entre eles. O lastro histórico é referido para demonstrar que as últimas iniciativas, muito embora não tenham resistido, vêm sinalizando as dificuldades e os esforços do governo fluminense em prover uma política de segurança mais comprometida com o ideário de cidadania plena.

A violência de gênero enquanto objeto resistente é assunto do terceiro capítulo, dedicado ao registro das diversas estratégias acionadas pela pesquisadora para contornar a imperiosa lei do silêncio que vigora nos territórios de

conflito armado e igualmente se impõe no tocante as questões de violência de gênero, constituindo óbice de difícil transposição para a obtenção e produção de dados.

Os dois capítulos finais condensam o exame dos discursos, de moradores e policiais, acerca das consequências que a alteração dos referenciais de autoridade e poder, introduzidos pelas UPPs, produziu na resolução de conflitos de casal e na violência de gênero que as permeia. As dimensões de gênero e geração foram privilegiadas nesta análise, que revelou a heterogeneidade dos caminhos eleitos pelas mulheres de cada comunidade para frear as agressões sofridas no bojo de suas relações amorosas.

“UM BURACO NO MEIO DA PRAÇA”: MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES SOBRE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO EM CONTEXTO URBANO AMAZÔNICO – O CASO DE BELÉM, PARÁ

Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém/PA: Universidade Federal do Pará, 2014.

A dissertação trata das múltiplas leituras atribuídas ao sítio arqueológico histórico Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos, situado no contexto urbano amazônico da cidade de Belém/Pará, mais especificamente na

Praça do Carmo. O local foi objeto de pesquisa arqueológica realizada nos anos 1990, cujo objetivo principal foi a exposição das estruturas da igreja ao público, por meio de *janelas arqueológicas*, com finalidades paisagísticas e educativas.

A partir do atual estado de conservação do sítio, o trabalho propõe reflexões sobre as formas de intervenção relativas ao patrimônio arqueológico urbano e as distintas lógicas de apropriação desses bens. Diante disso, considera-se o processo de construção e execução do projeto de intervenção, assim como os impactos causados pela presença dos pesquisadores na praça e, particularmente, as percepções das comunidades locais sobre o sítio, chamado por eles de *buraco*, que tem hoje múltiplas funções, como, por exemplo, ser usado como depósito de lixo.

Para o mapeamento das narrativas foi realizado trabalho de campo, durante os anos de 2012 e 2013, que consistiu na observação-participante do cotidiano da praça e em entrevistas feitas com moradores, trabalhadores e frequentadores do lugar. O objetivo foi compreender, no âmbito da Arqueologia Pública, a biografia do sítio, entendido como lugar de sociabilidade, a partir de sua dinâmica sociocultural. Nesse sentido, são discutidos os outros usos e significados conferidos ao sítio arqueológico em questão.

O trabalho apresenta aspectos históricos sobre a presença da igreja na cidade de Belém, questões referentes ao conceito de patrimônio, ao campo da Arqueologia Histórica, passando, em

particular, pela experiência etnográfica com as comunidades da Praça do Carmo e suas distintas percepções sobre o sítio.

No primeiro capítulo, considerando que o sítio se encontra no bairro da Cidade Velha, primeiro núcleo urbano de Belém, apresentam-se elementos que perpassam a história de ocupação da região amazônica, assim como a expansão da cidade, sinalizando, sobretudo, a influência das igrejas coloniais nesse processo. No mesmo capítulo reflete-se sobre a gestão do patrimônio nas cidades, tomando como referência as intervenções realizadas em centros históricos, apontando para as mudanças ocorridas em Belém e relacionadas à revitalização de seu patrimônio edificado. Em seguida, apresenta-se histórico do projeto de arqueologia urbana que evidenciou as estruturas da Igreja do Rosário, na Praça do Carmo.

No segundo capítulo são abordadas as escolhas teóricas e metodológicas, com relação à Arqueologia e Antropologia da e (na) cidade, procurando compreender a contribuição da antropologia para a arqueologia. Apresenta-se, além disso, uma revisão bibliográfica sobre a arqueologia urbana na capital paraense, a partir de levantamento realizado na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em Belém.

No terceiro capítulo a autora expõe suas experiências com relação ao trabalho de campo realizado junto às pessoas que vivenciam a Praça do Carmo. Desse modo, a etnografia traz tanto descrições das situações experienci-

das por mim nos meandros do campo, como as percepções e sentimentos sobre vários aspectos da vida diária dos sujeitos com os quais tive contato ao longo da investigação. São demonstrados os sentidos e os usos contemporâneos da Praça do Carmo, entendendo o espaço da praça como um lugar de comportamentos singulares, que se realizam no desenrolar do cotidiano. O momento privilegiado na investigação foi o período da manhã, uma vez que era o horário em que as barraquinhas de lanche da praça estavam todas abertas e a circulação de pessoas, tanto de moradores como de frequentadores do lugar, era mais intensa. Contudo, em outros momentos foi possível presenciar os períodos da tarde e da noite. A observação de vários períodos permitiu também perceber como o sítio arqueológico era usado pelas pessoas em diferentes momentos ao longo do dia.

A autora direciona, no quarto capítulo, a discussão para o entendimento do processo de elaboração e execução do projeto de arqueologia urbana na Praça do Carmo, a partir da perspectiva de seus idealizadores e executores.

Conclui-se que é necessário pensar o sítio arqueológico da Igreja do Rosário dos Homens Brancos como algo dinâmico e não estático, pois o fato de ser um local importante para a história da cidade de Belém não impede que visões distintas das narrativas oficiais sejam construídas. Aponta-se a relevância do mapeamento das percepções daqueles que têm relações cotidianas com esses espaços urbanos, sobretudo para a elaboração de políticas públicas compartilhadas e inovadoras,

assinalando que a paisagem da cidade é construída também pelos singulares significados atribuídos a ela pelas pessoas que nela vivem.

ANÁLISE ESPACIAL DOS SÍTIOS MONUMENTAIS NO LESTE DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Antonia Damasceno Barbosa

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém/PA: Universidade Federal do Pará, 2014.

Esse trabalho teve por objetivo analisar os recintos geométricos localizados no leste do estado do Acre, utilizando ferramentas de geoprocessamento e considerando fatores ambientais e culturais que poderiam ter influenciado nas decisões de grupos sociais quanto ao local de construção e morfologia desses sítios arqueológicos. Foi utilizada a abordagem da arqueologia da paisagem e o geoprocessamento como ferramenta analítica. A partir do levantamento de dados de 419 recintos geométricos no leste do Estado do Acre, a pesquisa investigou padrões culturais relativos à morfologia e configuração, localização e orientação dos sítios, utilizando métodos estatísticos e de análise espacial.

Concluiu-se que técnicas construtivas padronizadas foram utilizadas na construção dos recintos e que sua localização levava em conta proximidade de fontes de água, tipos de solo e altitude.

Além disso, características morfológicas estavam associadas à tamanho e localização. A pesquisa também descobriu que a maioria dos recintos foi construída de forma a marcar os solstícios de inverno ou verão. Foram ainda feitas considerações sobre o estado de preservação dos sítios e os desafios à gestão desse patrimônio.

OS USOS DO ESPAÇO URBANO DAS RUAS E DO PATRIMÔNIO CULTURAL MUSEALIZADO NA “ESQUINA” DA “JOSÉ MALCHER” COM A “GENERALÍSSIMO”: ITINERÁRIOS DE UMA ANTROPÓLOGA COM UMA REDE DE INTERLOCUTORES NO BAIRRO DE NAZARÉ (BELÉM-PA)

Rosangela Marques de Britto

Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém: Universidade Federal do Pará. 2014.

Esta tese centra-se nas representações e formas de praticar o espaço urbano do bairro de Nazaré, em Belém do Pará, cidade situada no norte do Brasil. O objeto de pesquisa versa sobre os itinerários urbanos de deslocamentos das pessoas em suas práticas culturais e espaciais cotidianas ao andar, trabalhar, morar e experienciar seus tempos livres e de lazer no espaço urbano das ruas do bairro de Nazaré. A rede de interlocutores/conversação da pesquisa foi composta por diferentes sujeitos/grupos sociais urbanos ou *habitués* que circulam no entorno do Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA) ou

que praticam esse espaço de diversas formas. Ao encontro das reflexões do espaço como lugar praticado, ressalta-se a experiência e vivência dos atores sociais, na condição de interlocutores com a pesquisadora, que são descritas nesta tese por meio da realização de uma etnografia de entremeio, ou seja, no sentido de algo que ocorre em vários espaços urbanos – as ruas, as casas e o MUFPA – como fatos narrados, e que permitiu a elaboração das cartografias/mapas das narrativas de memórias dos sujeitos que ao praticarem o espaço urbano, transformam esses espaços em lugares de lazer, de guardar a memória, de conservar a história e de expor obras de arte. Neste sentido, as casas, os prédios históricos, as praças, dentre outros, são considerados âncoras da memória sobre os processos de transformação destes lugares. Optei por realizar uma etnografia de rua e no museu sem perder as referências das múltiplas funções urbanas (na cidade e da cidade).

Foquei a observação participante e fluante junto a determinados grupos sociais urbanos, englobando o estudo do meio urbano, mais especificamente sobre as relações das pessoas nas ruas e com uma obra arquitetônica edificada e musealizada num bairro da cidade, como lugares onde convivem os mais diversos e heterogêneos grupos sociais, com experiências e vivências diferenciadas e comuns.

Nesta pesquisa, realizada em um determinado setor do bairro de Nazaré, destaco como grandeza de escala para descrição a dimensão setorial da rua, a qual, para a sua apreensão, faz-se ne-

cessário o movimento. Neste caso, o observador pode se situar em pontos ou locais pré-determinados no espaço urbano, delimitando os recortes na paisagem. Nos cenários observados, no cruzamento das avenidas “José Malcher” e “Generalíssimo” assentam-se as disposições dos edifícios e outros marcos visuais, e se desdobram os quarteirões que interligam diversas áreas da cidade. Os traçados das ruas indicam a orientação da circulação, e também estão ligados aos percursos e à mobilidade de bens, pessoas e ideias. O marco visual da paisagem urbana é o “Palacete Montenegro”, que abriga o referido museu desde 1984. A biografia sociocultural e a historicidade da casa-Palacete foram reconstituídas a partir das narrativas dos gestores e outros agentes na condição de professores, técnicos e especialistas em restauração, funcionários, colaboradores, assim como pela pesquisa documental realizada no arquivo do MUFPA e as observações em relação à materialidade presente no espaço arquitetônico e museológico.

O debate que cruza os sete capítulos da tese versa sobre patrimônio (material e imaterial) e memória, e a relação entre Antropologia e Museologia, no intuito de subsidiar a reflexão acerca dos espaços museológicos, do patrimônio e do museu (instituição). A realização de microetnografias sobre o cotidiano do entorno do MUFPA e a observação participante e a observação pedestre nas ruas do entorno do MUFPA junto aos moradores-artistas visuais, e os trabalhadores de rua dão voz a sujeitos anônimos que conservam a

memória sobre os usos do espaço da “esquina”, e tais descrições permitem ao leitor conhecer o imaginário sobre o espaço museológico do MUFPA e o “prédio antigo” da “esquina”. O fenômeno das temporalidades da memória dos lugares desvelados pelos indivíduos e grupos urbanos em seus itinerários nas ruas do bairro de Nazaré e no MUFPA foi observado e descrito, no intuito de entender as mudanças e permanências das paisagens locais ou da “esquina”. Outro objetivo refere-se à materialização das gramáticas nativas da rua, do bairro, do patrimônio histórico musealizado e dos usos do tempo livre e de lazer. A etnografia realizada durante oito meses mapeou as práticas espaciais e teceu uma rede de conversações sobre as memórias de indivíduos e grupos em suas experiências de usos dos espaços e lugares, a partir dos relatos de quatro moradores, cinco trabalhadores de rua, nove funcionários do museu e trinta e três visitantes agendados a duas exposições temporárias.

Os itinerários urbanos foram compreendidos como experiências particulares a partir dos significados reconstituídos pelas conversações com os interlocutores sobre as memórias de suas práticas espaciais. Aos dados qualitativos gerados pela pesquisa foi incorporado o levantamento quantitativo do público visitante do museu entre 1986-2013.

Os instrumentais aplicados foram entrevistas, questionários, registros fotográficos e a paisagem sonora, além da elaboração de mapas/cartografias com os registros das memórias dos lugares dos meus familiares e de uma amiga, além de três moradores do bairro, do

proprietário da banca de revistas e de dois artistas visuais que interagiram com o MUFPA em situações sociais, e em acontecimentos familiares e artísticos. O “Largo de Nazaré” foi escolhido como lugar de pertença comum aos moradores, e os “espaços de afetos” individualizados foram as suas respectivas casas. O “Palacete Montenegro” configura-se como um lugar de afeto, conforme relato de Alexandre Sequeira. Os trabalhadores de rua convertem seus territórios em lugares onde praticam o seu “trabalho-lazeando” e os relatos sobre o MUFPA englobam as suas observações sobre os usuários dos seus serviços e sobre o que funciona naquela casa da “esquina”, sendo que apenas um entre os informantes já tinha visitado o museu. Para esses interlocutores-visitantes do museu e os trabalhadores da “esquina”, a noção de museu foi associada ao “lugar de coisas antigas”, mas também ao “lugar dos bichos” e aos das “plantas”, respectivamente associado ao Parque do Museu Goeldi e ao Bosque Rodrigues Alves.

PEDAÇOS DE POTE, BONECOS DE BARRO E ENCANTADOS EM LARANJAL DO MARACÁ, MAZAGÃO - AMAPÁ: PERSPECTIVAS PARA UMA ARQUEOLOGIA PÚBLICA NA AMAZÔNIA

Lúcio F. S. Costa Leite

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.

A interpretação de vestígios arqueológicos é, antes de tudo, uma maneira de escrever sinais do passado no presente, de contar histórias sobre as coisas do passado ou adicionar outras trajetórias a esses objetos. Essa perspectiva surge como reflexo da agência da cultura material ao ser vivificada por diferentes públicos na construção de suas socialidades e cosmologias.

Esta dissertação debate um desses casos ao abordar as narrativas sobre encantados, “bonecos de barro”, donos de lugares, vestígios arqueológicos, de um “povo das cavernas” e suas articulações simbólico-práticas na vila de Laranjal do Maracá, município de Mazagão, Estado do Amapá. Essa comunidade é uma pequena vila localizada às margens da estrada que liga Macapá, capital do Estado, ao município de Laranjal do Jari. Ainda hoje é um dos principais acessos aos sítios arqueológicos relacionados à cultura arqueológica Maracá, cujos moradores atuam como guias em diversas incursões de pesquisa ou mesmo eventuais visitantes.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, neles procuro estabelecer um diálogo entre a antropologia e a arqueologia, enfocando o patrimônio arqueológico como uma categoria etnográfica que também se alicerça nas memórias e nas paisagens praticadas dessa região.

Além disso, procuro refletir como os materiais do passado ressoam na vida atual das pessoas e como as narrativas construídas sobre eles contribuem para a dinâmica de materialização dos ob-

jetos. Ao estudar essas narrativas também busquei compreender as formas pelas quais eles constituem processos de criação de mundos particulares, podendo ser entendidas como indissociáveis das experiências vividas, tanto com o objeto quanto com os contextos em que se inserem na paisagem.

A paisagem que envolve os sítios arqueológicos dessa região é praticada pelos moradores locais, sugerindo uma relação imbricada de pertencas em direção a uma ressignificação do objeto arqueológico, reafirmando-os como parte de suas vidas através de suas narrativas e ações no espaço vivido

De maneira mais abrangente, estas observações quando incluídas em discussões teóricas da arqueologia também possibilitam analisar as distintas formas de interação com os objetos arqueológicos. Em Laranjal do Maracá, as narrativas feitas pelos moradores demonstram experiências pessoais de vida, situações vividas, refletem visões de mundo próprias e formas locais de integrar os materiais arqueológicos ao seu cotidiano.

Acredito que a partir do entendimento das percepções dos moradores sobre a cultura material é possível reforçar o papel social da arqueologia, na medida em que a disciplina ao interagir com outras formas de pensamento atua na valorização de interesses sociais e políticos que não são somente dos arqueólogos. Neste sentido particular, a compreensão das relações entre as pessoas e as coisas contribui para o estabelecimento de outros referenciais sobre a própria concepção

de patrimônio arqueológico, sobre o agenciamento de identidades e, logo, sobre maneiras de lidar com a hierarquização das diferenças culturais. O envolvimento da arqueologia com a antropologia é fundamental para a ampliação das perspectivas disciplinares e para o reconhecimento de exemplos singulares de percepções e atitudes sobre o passado e suas coisas. É a partir destes casos, mapeados em pequenas comunidades amazônicas, como a do Igarapé do Lago, que teremos a possibilidade de discutir o conceito de patrimônio, refletir sobre a nossa prática e repensar os caminhos da Arqueologia na Amazônia.

A MEMÓRIA COLETIVA E O OFÍCIO DE SAPATEIRO EM BELÉM-PA: AS NARRATIVAS DE MESTRES E APRENDIZES DA ARTE DOS CALÇADOS

Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.

A dissertação em questão parte de etnografia desenvolvida junto a mestres e aprendizes do ofício de sapateiro, trabalhadores que exercem a fabricação e/ou o conserto de calçados e artigos de couro em Belém, Pará. O estudo parte da apreciação das narrativas de artífices que desempenham a atividades na porção central da capital paraense. Por

meio das memórias destes sapateiros, busca-se compreender o modo como a ocupação se transforma ao longo dos anos e de que maneira esses sujeitos percebem as mudanças na própria vida urbana, considerando as modificações no espaço ao longo do tempo, logo, a conformação e reconfiguração das paisagens no mundo urbano belemense.

O trabalho de campo foi realizado entre os anos de 2012 e 2013, abarcando um universo de oito oficinas de calçados, dispersas, inicialmente, entre os bairros de Batista Campos e Campina. Por indicação dos próprios interlocutores, foram incluídas mais duas oficinas, estas localizadas no bairro do Reduto e Cidade Velha (totalizando dez espaços). A pesquisa etnográfica tomou por base as orientações de uma “etnografia de rua, versada em percursos e caminhadas através dos itinerários da urbe, que registrados com o auxílio de caderno de campo e da câmera fotográfica, permitiram narrar as práticas e saberes dos sujeitos e grupos sociais urbanos. A apreciação das memórias dos interlocutores induziu à compreensão da heterogeneidade de experiências espaço-temporais na urbe moderno-contemporânea e as diferentes formas de viver a cidade e suas rítmicas. Deste modo, o trabalho foi desenvolvido tomando por inspiração a proposta de uma “etnografia de duração”, tendo por objetivo identificar a relação entre as memórias individuais e as compartilhadas pelo grupo a fim de compreender o caráter heterogêneo da “memória coletiva”, na medida em que os relatos dos interlocutores compartilham elementos recorrentes que

sugerem a constituição de uma “comunidade de destino” e ao mesmo tempo revelam perspectivas distintas acerca dos processos de mudança que abrangem a atividade e o próprio sentido de “ser sapateiro”.

As reflexões propostas no referido trabalho privilegiam a experiência vivenciada em quatro oficinas específicas, nas quais foi possível uma aproximação de maior profundidade e durante um período mais longo. São elas: a “Zeno Calçados”, circunscrita no bairro da Campina; a “Oficina Ponto-a-Ponto”, situada em Batista Campos; a “U.T.I. das Malas, Bolsas e Calçados”, no bairro da Cidade Velha; e “A Proletária Sapataria”, localizada no Reduto.

Delineio no primeiro capítulo um panorama envolvendo as práticas sociais engendradas nos bairros de Batista Campos e Campina, a localização das oficinas e ateliês de calçados e sua relação com o caráter complexo das paisagens urbanas. Interessa refletir sobre o modo como a capital paraense abriga o convívio – ora fluido, ora tensional – entre o “tradicional” e o “moderno” e de que maneira as memórias de Belém(s) de outrora vibram nas imagens do presente vivido.

O segundo e terceiro capítulos tratam de minha entrada na oficina Zeno Calçados, localizada na rua Gama Abreu, bairro da Campina, espaço no qual tive a oportunidade de conhecer Zeno, o seu filho Sidnei, e os sapateiros Nazareno, Diego e Zezão. Ao longo dos dois tópicos, apresento as narrativas dos interlocutores, refletindo sobre suas trajetórias no ofício de sapateiro.

Além disso, acompanho por meio da narrativa textual e imagética os processos de fabricação e conserto de calçados vislumbrados no lugar.

Em seguida, no quarto capítulo, narro a experiência vivida na “Oficina Ponto-a-Ponto”, junto ao sapateiro Zé Luís e Chiquito, à época seu auxiliar, mas que já havia trabalhado em várias oficinas – inclusive na própria Zeno Calçados e na “Proletária”. Aqui discuto, a partir das narrativas dos dois senhores, algumas questões em torno dos processos de transmissão dos saberes e conhecimentos relativos ao ofício. Procuo demonstrar também, como as trajetórias de diferentes trabalhadores se entrecruzam por meio de vínculos familiares e afetivos e as formas como estes laços influenciam na circulação de sapateiros entre uma oficina e outra.

O quinto capítulo trata de reflexões acerca do caráter heterogêneo da “memória coletiva”, partindo da etnografia realizada na “U.T.I. das Malas, Bolsas e Calçados”, localizada no bairro da Cidade Velha. Nesta oficina, entrei em contato com Anacleto, senhor de mais de 70 anos, que apresenta uma perspectiva distinta dos anteriores. Enquanto que os primeiros preservam expectativas positivas com relação ao ofício de sapateiro, Anacleto acredita que a profissão “já não existe mais” na capital paraense por não encontrar mais espaço no mercado calçadista.

O capítulo seguinte refere-se às narrativas dos irmãos Pedro e Luís, senhores de 78 e 76 anos respectivamente, que trabalham como sapateiros desde a infância na “Proletária”. Aprenderam o

ofício com o pai, que quando vivo, teria sido dono de uma pequena fábrica de calçados (que hoje já não funciona mais) e da oficina de consertos hoje administrada pelos filhos. “A Proletária” se mantém de portas abertas desde o ano de 1940. Neste tópico, retomo a questão da transmissão transgeracional do ofício, além de problematizar as noções de ofício e profissão, a partir dos diferentes pontos de vista dos interlocutores.

Por fim, o trabalho tem em vista compreender a duração do ofício de sapateiro na capital paraense, apontando para o modo como os trabalhadores da “arte dos calçados” figuram junto às paisagens do mundo urbano belemense. Seja por meio do próprio ofício que atende a demanda dos habitantes da cidade e das práticas sociais que giram em torno de tal atividade, ou mesmo na qualidade de “guardiões da memória”, evocando a partir de suas narrativas, memórias de Belém(s) de outrora que emergem na experiência cotidiana e fazem vibrar as imagens do presente vivido pelos belemenses. A partir da atividade laboral e de suas vivências diárias, estes sujeitos apropriam-se do espaço urbano e (re)elaboram os arranjos sociais e suas rítmicas temporais, produzindo formas outras de viver a urbe.